

Sérgio Godinho

# Vidadupla

## O álibi do falso culpado



SETE E QUARENTA E CINCO DA TARDE, NÃO ESTAVA LÁ. Nunca precisaria de ter sequer um álibi para algo que não tinha vivido, não estava simplesmente lá. Mas dois amigos meus, um casal de amigos heterossexual (passe a antiga redundância), insistiram e forjaram um perfeito álibi perfeito para o inocente que eu era. Possível suspeito, provável – mas inocente, e era preciso prová-lo.

– Não te vais defender sem um álibi, dizia ela (advogada, mas aqui advogada de causa pouca). – Sim, dizia ele, nunca se sabendo se queria dizer sim ou não ou talvez. Ou seja, um belo casal, pelo menos na eloquência: construíram-me, sem eu querer, um álibi, o engenhoso álibi de que eu não precisaria. Nunca se sabe, diziam eles, o que o futuro nos promete e reserva.

Portanto teria estado com eles nessa noite, eu seria o amigo dilecto e única testemunha do aniversário do dia em que se tinham conhecido mais biblicamente (banal conceito que empregavam até à *minha* exaustão). E em vez de passarem a efeméride juntos, *sotto voce* e à luz da vela, tinham decidido convidar-me, e obrigado a partilhar a três

a reconciliação a dois – porque era disso que se tratava. Tinham estado muito e mal separados, e agora era dia do jantar de muitas velas. Jantar, intimidades, uma confissão, um segredo, um olhar mais cúmplice a que era suposto eu aceder, como aval de um momento tão único quanto a marcha dos amores. Teriam pagado o jantar, e deslocado a amizade que tinham por mim até depois da hora referida no relatório do meu álibi.

O problema, o pequeno problema, é que eu nunca tinha estado com eles, nessa por certo magnífica noite. O que eles contavam, por generosidade e entusiasmo do amor regenerado, seria a maior prenda que podiam oferecer a um amigo, e o seu mais sólido álibi. Sólido era o rio que corria, por agora, entre eles. E ao sabor do qual tinham construído o meu enredo.

Agora o problema, o grande problema é que eles se separaram violentamente, quando o meu álibi já tinha sido admitido como meio de prova. Rio seco em leito revolto, voltava a ser o amor deles, e pelo meio, o meu álibi, um pobre destroço.

E foi mesmo dois dias depois, quando tive que corroborar os factos da minha tão simples inocência, que praticaram, no seu ódio recente e actuante, a palavra que não aceitariam sequer formular, em tempos de amor entre eles e amizade por mim.

Traição, era a palavra, a que só consegui perceber a meio do meu julgamento.



Traição minha, também. Porque lhes tinha mentido acerca do que estava a fazer a essa hora.

A essa hora, sete e quarenta e cinco da tarde, já noite, noite de chuva miudinha, estava a passar no local do crime com o filho deles. Portanto, estava lá mas não estava lá. Éramos dois anónimos no carro que ultrapassava outro que atropelava um peão na passadeira. Um homem também novo como o filho deles, um peão caído de borco na rua molhada. Parámos, os dois carros, o do culpado por embate, o meu por instinto. Houve um olhar breve entre nós condutores, mas logo depois acelerou em primeira, e desapareceu no horizonte no chumbo.

Eu, agora sim de instinto, demorei um pouco mais a arrancar, não tinha sido eu. Alego inocência, é simples. Ele arrancou, eu arranquei, não sei se para lhe pedir contas, se para lhe fugir. Conhecia-o, e ele conhecia o rapaz com quem eu ia.

Certo é que deixei por um momento o crime para trás. Mas: alguém disse o meu nome, enquanto estive parado, no instante do crime. Ouvei o meu nome apesar dos vidros fechados, não consegui ver quem tinha sido, eu tinha já acelerado e desaparecido, e já direi da sucessão de gritos, silêncios, insultos e choros do meu companheiro de carro, e amor recente, líquido ou sólido, dependia.

Soube pouco tempo depois que apareceu outra testemunha, com dois números, duas letras, dois números, a minha

matrícula. Relatório de polícia, duas testemunhas para a mesma acusação. Eu tinha sido visto por mais pessoas, quatro se se contar com o meu companheiro de carro. E estava inocente. Eu era uma coisa e o seu contrário, nada de incomum.

Cada olho meu viu momentos diferentes, e o meu foco só os juntou já longe, quando parei para perceber os danos do instinto.

O meu companheiro de carro, ou amante, ou fosse lá o que ele fosse nesse momento, travou comigo, os dois largados para a frente. Vinha apertado e em silêncio, decerto a ouvir o eco dos seus gritos por cima do rádio ainda ligado, quando ao pararmos se pôs direito e desatou o nó dos insultos, chamou-me covarde e besta maldita e pusilânime (pusilânime? onde é que ele tinha aprendido aquilo?) enquanto eu assentava a testa e as mãos no volante e procurava não chorar. Chorou ele, foi muito mau o choro dele, cortado por lamentos de «tu não me compreendes, não me compreendes» (a que propósito vinha isso agora?).

– Não te compreendo? O que é que eu não te compreendo?

O rapaz não parava de chorar, de cabeça posta nos joelhos e os sapatos no assento. Desafinava enquanto chorava. Desliguei o rádio mas tudo ficou quase na mesma. Desafinava. Eu queria uma coisa e ele queria outra. Amava-me, achava eu. E eu achava que o tinha amado, mas pelas regras dele, caprichosas e violentas e lacrimosas – e era isso que me tinha subitamente desinteressado. Vai e vem sem

que soubesse o que queríamos e onde chegávamos, quase seis meses daquilo. Mas se tudo fosse tão fácil como dizer chega! não haveria ódio nem desconsolo, no curto tempo de seis meses.

E enquanto isso eu descobria, redescobria o meu encanto pelas mulheres, amigas, ex-namoradas, futuras namoradas, decerto com defeitos contíguos aos do meu precário companheiro de carro e de cama. Mas mulheres.

Precisava delas ou era isso que eu queria? Eram elas o meu verdadeiro alibi? A resposta era-me clara, mas o simbolismo do momento parecia-me indecente. O rapaz caído de borco era ele, no fundo? Ao fugir quis acabar com ele, fugir do lugar e do homem que tinha deixado de me interessar? Quem tinha estado a ver? Três visões parciais, a do homem que tinha atropelado outro, e me reconheceu, a da pessoa que tinha dito o meu nome, e a da minha matrícula apontada por outra pessoa. Três testemunhas, uma em fuga, duas no fio das acusações. O fio podia romper-se em qualquer altura próxima, comigo também evadido, carregando a inocência e uma outra culpa, e assim rompendo a minha pobre armadilha, caindo nela, eu sim de borco.

Não atropelar ninguém e fugir, é isso acusação suficiente? Esqueça-se a minudência da «não assistência de pessoa em perigo» ou «omissão de auxílio», ou lá o que for. Não houve tempo.

Para já, eu vermelho de raiva ele amarelo como a cera e logo vice-versa, alternávamos os nossos clichês habituais.

Como se o nosso caso tivesse sido sempre um acidente uma hipótese numa rua a descer e a subir.

Sei que sussurrei ao meu triste apaixonado, o que tinha deixado de o ser:

– Sai do carro. Ninguém te reconheceu, não tens nada a ver com isto. Não fales disto a ninguém. Nem aos teus pais, promete-me – queria dizer, «sobretudo aos teus pais», mas a vergonha calou-me.

Ele olhava-me como se só agora tivesse acabado de dar os primeiros passos na vida, repetia «o que é que eu faço?». Tive pena dele, e de mim por ter pena dele. Tentou ainda beijar-me, mas já não era a altura. Pensei, quase lhe disse «o beijo de um covarde não é senha para nenhuma porta da cidade». Era noite, e vi-o desaparecer na esquina mais próxima.

E com ele, apercebia-me agora, o meu álibi. Desaparecido, como teria de ser um pedaço da minha história, agora que precisava do meu casal de amigos, pais do rapaz devoluto. Só sabia de uma estação de metro perto, e que ele ia descer às luzes mais escuras da noite, e vir acima nem ele sabia onde.

O mais extraordinário é que, mesmo deitado fora e desaparecido dos meus olhos na esquina e na noite, ele cumpriu a promessa.



Sinal de vida não dava, igualmente, o meu casal de amigos. Ligava para casa deles, sem perceber que o que tinham de comum já não era partilhado. E nenhum dos dois atendia o telemóvel. Parecia-me que tinham retrocedido à era dos sinais de fumo, ainda antes de terem sido inventados os sinais de fumo.

O facto é que eles não me estavam a ajudar. Grandes amigos.

A verdade, e o problema, é que *eles não se estavam a ajudar*, no rio revoltado e no leito seco. Fui descoberto e acusado cinco dias depois do caso, mais dia menos dia. Avançaremos para lá dos trâmites que levaram ao trânsito em julgado, esse objecto em que uma hipótese se transforma em hipótese da verdade.

Eu não estava lá, tinha ido jantar com os meus amigos – o meu maior erro, quando os ouvi dizer, aliás jurar, que não tinham jantado comigo. Falsos amigos.

Sei que me julguei altruísta, ao não lhes contar toda a história, ou melhor, a parte do incidente que podia implicar o filho deles.

Tinha evitado sempre o que chamava de «transmissão do meu espaço de liberdade», transformando-o de facto

numa grande e pequena prisão – era conforme. Não contava quase nada da minha vida íntima, nem a amigos mais próximos.

Não tinha sido a vida que me ensinara isso, já tinha nascido assim. Sem desconfiança, mas sem grande partilha. Era assunto meu.

Preservar o meu espaço de liberdade tinha-se tornado tarefa simples, e recompensadora, se bem que cobrada a preço alto várias vezes à saída.

Portanto, no caso dos meus dois amigos, se não tinha nada que lhes dizer, porque é que me sentia mal em dizer-lhes? A pergunta era ao contrário, mas a resposta também. Eles sabiam das preferências do filho, e era um problema falado e resolvido entre eles.

Porque é que havia eu de os pôr a pensar duas vezes no «problema que não é problema»? Decidi dizer-lhes apenas que tal e tal acidente, e do equívoco provável, e que levava um aluno meu no carro (sou professor, como se isso interessasse), e que preferi que ele não fizesse parte do estúpido acontecimento.

Queria só conselhos legais, o que fazer numa ocasião desse género, como provar a minha inocência. Não tinha sequer pensado num álibi, mas foi de um álibi que eles me falaram. Comecei por lhes responder que um álibi era muitas vezes uma confissão de culpa devidamente contornada pelos engenhos da lei, e tornada inverificável, no rascunho

dos recursos e das prescrições. Mas à medida da conversa, fui percebendo que, tendo de certa forma contornado o rapaz atropelado, fugido por olhares a mais, e perdido o meu amante nas bocas profundas da noite, teria de mentir a verdade. Duas vezes, uma perante eles, outra perante a lei. Foi aí que eles me propuseram o jantar que nunca iria ser, e por isso mais tarde ia ditar a expiação da minha inocência. Culpado. Grandes amigos.

Os vestígios da imaginação deles propagaram-se às provas da minha acusação.

Fui condenado, pena suspensa por dois anos, interessa tanto como eu ser professor com vínculo. E no assento ao lado, não um aluno, mas o lugar do morto do meu amor, morto nesse dia.

Veio-me à memória aquele pequeno instante, quando jogava futebol, em que, sempre em movimento, se fecha os olhos antes de se marcar golo. Sempre em movimento. Pode não ser sequer uma hesitação, apenas o recentrar do alvo, o apagar da primeira intenção. De um modo sucessivo, foi o que vivi um momento antes do estúpido acontecimento.

Fechei os olhos como se nunca os tivesse aberto. Por isso até hoje não saberia dizer se fui eu que atopelei o rapaz.

Só sei que hoje tenho um álibi. Não estava lá. E eles, os meus amigos leais (passe a antiga redundância), deixaram de estar lá, como eu agora já não sei se lhes era pedido.



A nebulosa chegou mais tarde. O meu último recurso está agora no Supremo. Posso ficar livre ou amarrado.

Não sei se supremo era o meu amor por ele, sei que morreu nesse princípio de noite.

O assento ao lado, o lugar do meu amor morto. Uma nebulosa difusa de luz contrária. Há muito que os nossos mundos eram outros.

Sete e meia da tarde, não estávamos lá, e em mais parte nenhuma.

O álibi do falso culpado há-de conservar a inocência nem que seja até ao fim do dia.